



STU

José Pacheco

ART

PINTURA - DESENHO - ILUS
PINTURA - DESENHO - ILUS

o desenho gráfico e a imprensa

TRAÇÃO - DESIGN GRÁFICO - BD - CARICATURA - HUMOR
TRAÇÃO - DESIGN GRÁFICO - BD - CARICATURA - HUMOR

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

José Pacheco

Nasceu a 5 de Março de 1954, na cidade de Lagos; licenciou-se em Design de Comunicação na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa; concluiu um curso de Mestrado em História da Arte, na Universidade Nova de Lisboa, e doutorou-se em Ciências da Arte, na Universidade de Lisboa. Em 1987, publicou *Stuart e o modernismo em Portugal* e foi um dos responsáveis pela organização, investigação e montagem da exposição comemorativa do centenário do nascimento de Stuart Carvalhais, no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian; e em 1991 retomou a obra de Stuart, com a primeira edição de *Stuart – o desenho e a imprensa em Portugal*.

No âmbito da investigação sobre a teoria e a história do *design* gráfico em Portugal, em 1988 publicou *A Divina Arte Negra e o Livro Português, séculos XV e XVI*, e em 2012 *A arqueologia de uma gravura*. Com o projecto de investigação *O Typographo na contemporaneidade do designer* foi distinguido pela Universidade de Aveiro com o Prémio João Branco – projecto que daria lugar a *As artes gráficas e a imprensa em Portugal – séculos XV- XIX*, obra organizada em quatro volumes, com os títulos: *A arte das artes* - já publicado; *A arquitypographia na génese da imprensa*; *Da arte negra à tricromia*; e *Da typographia ao design tipográfico*, a aguardarem publicação.

Ligado profissionalmente às artes gráficas e ao *design*, fez um longo percurso de experiências por editoras, gabinetes de comunicação visual e pela imprensa escrita nacional e regional, onde exerceu quase todas as funções, desde a área da paginação à de director do semanário *Povo do Algarve*.

Presentemente lecciona no ISMAT – Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, em Portimão.

STUART
o desenho gráfico e a imprensa

STUART CARVALHAIS

o desenho gráfico e a imprensa

José Pacheco

STUART
o desenho gráfico e a imprensa

STUART CARVALHAIS,
o desenho gráfico e a imprensa

Autor: **José Pacheco**

Copyright © José Pacheco – joseampacheco@sapo.pt

Capa e Projecto Gráfico: **José Artur**

DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR
DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR

ÍNDICE GERAL

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR
DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR

	página
Prefácio	9
Introdução	15
Primeira parte – Na vertigem da vida moderna	
Antecedentes	23
«Scenas de Rua» e «Contos para meninos bonitos»	37
Precursor da nova geração	45
Da <i>Satira</i> para as exposições dos humoristas	55
O sonho de Paris	63
Perante a "acção libertadora"	69
Ilustração e <i>Ilustração Portuguesa</i>	75
História aos quadradinhos	87
O fascínio pela 7. ^a Arte	103
Na senda da sátira política	109
Com a <i>Lucta</i> por uma <i>Alma Nova</i>	123
Na <i>Batalha</i> pela <i>Pátria</i>	127
O <i>ABC</i> da vida moderna	143
«O vício do modernismo»	149
A <i>Contemporânea</i> retórica	157
Pela pintura de <i>Paisagem com Moinho</i>	161
O «Estado Novo» da arte	169
Novos projectos velhas aventuras	177
Segunda parte – "Nasci no princípio do mundo"	
"Pintores são os outros"	210
Do erótico ao pornográfico	219
Do trágico ao cómico	223
Do didáctico ao estético	227
Do autobiográfico ao histórico	237
Da pintura ao <i>design</i>	239
O «estilo Stuart»	245
Conclusão	257
Notas	260
Bibliografia	283
Índices	
Das ilustrações	299
Onomástico	312

STUART

o desenho gráfico e a imprensa



1. Stuart Carvalhais
(1943)

PREFÁCIO

STUART

o desenho gráfico e a imprensa



2. Stuart ao estirador

PORQUE não foi um monótono e repetitivo desenhador; porque não adoptou um «estilo» subjugado a uma única «maneira» de dar forma, sem emoção; porque, pelo contrário, interpretou expressivamente os sons, os cheiros, as texturas e os ambientes, Stuart Carvalhais, sincera e perspicazmente, deu vida ao riso, propôs-nos a descoberta do brilho num olhar atormentado e, sobretudo, despertou-nos para a realidade de um tempo e de um espaço. Na prática, determinou-se numa obra iminentemente interventora, onde a ilustração ultrapassou a mera descrição de um facto, uma ideia ou um objecto; onde a caricatura excluiu a deformação gratuita; e onde a banda desenhada não se limitou a histórias para entreter os mais jovens.

Sem complexos ou preconceitos, não premeditando um projecto de vida e não definindo objectivos para a concretização de uma carreira artística, limitou-se a interiorizar o dia-a-dia da vida dos homens, das mulheres e das crianças, a sentir o pulsar das suas personagens, reais ou inventadas, e, magistralmente, a teatralizar gestos e sentimentos.

Por tudo isto, os milhares de desenhos de Stuart enquadram-se numa multiplicidade de facetas gráfico-visíveis que, no seu conjunto, correspondem à actividade criativa do verdadeiro *designer* que sempre foi e afirmaram-se como produção artística de enorme relevância estética porque corresponderam a uma visão pessoal do mundo e porque a impregnaram de significado filosófico, social e político.

A partir da publicação deste nosso trabalho, esperamos que a sua produção artística não continue a ser objecto de apreciações que não conseguem distinguir o artista do *designer* e que colocam no mesmo

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

plano de valorização estética disciplinas autónomas que exigem análises com base em teorias e regras próprias, mas também histórias específicas.

Com as alterações necessárias que a publicação de um trabalho académico, em forma de livro, exige, Stuart Carvalhais, tal como aconteceu durante cerca de meio século, volta, assim, a ser notícia através dos desenhos que foi espalhando pelas principais revistas e jornais portugueses do século XX.

Foram muitos milhares de intervenções que olhámos atentamente, algumas das quais a desfocarem-se com os anos – perdendo o vigor expressivo do traço e da cor; foram muitas leituras comparadas para entender o sentido da relação entre as imagens e as palavras; e foram muitos meses a retocar-lhe as formas e a avivar-lhe as manchas, para percebermos e recuperarmos um património importante de técnicas e invenções.

Depois, porque nenhuma história contemporânea de Portugal pode ser feita sem beber na fonte inesgotável que constitui o extenso número de trabalhos que imaginou durante mais de meio século, sentimos que estava na hora de voltar a dar-lhe visibilidade.

Graficamente, ao longo deste livro, adoptámos algumas regras que julgamos úteis à leitura do texto na sua relação com as imagens seleccionadas. Por outro lado, esta mesma selecção resultou de dois factores que tiveram em conta a divulgação de alguns trabalhos menos conhecidos do artista e os níveis de importância, que nem sempre se conjugam e harmonizam, no âmbito da estética, da história e também das técnicas utilizadas.

Na maioria das situações, sobretudo no que diz respeito ao desenho de humor e à caricatura, optámos por libertar as imagens dos enquadramentos das legendas e dos títulos para que a leitura e interpretação, ou interpretações, se possam fazer em dois planos e em dois tempos.

No que simplesmente diz respeito às legendas, títulos e também citações, resistimos à tentação da actualização do português para, deste modo, preservarmos a riqueza da utilização das palavras, sobretudo no contexto das redundâncias, dos silogismos e das ironias muito úteis ao humor e à sátira e, por vezes, à própria fuga à censura.



3.

Stuart Carvalhais
(1932)

Nota à edição em formato digital:

Passada mais de uma década sobre a edição em papel deste trabalho, Stuart Carvalhais continua a ser referido pelas novas gerações de interessados na história da arte, embora, com pena nossa, continue a não ser estudado e descoberto no âmbito da história do *design* gráfico em Portugal, onde, por direito próprio, tem um lugar extraordinariamente relevante e, por isso, se exigia que não fosse objecto de breves notas – muitas delas respigadas de textos menores que ajudaram a criar a sua imagem à sombra de outros artistas socialmente menos incómodos, mas cuja obra não tem a dimensão, a originalidade nem o ecletismo da sua.

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

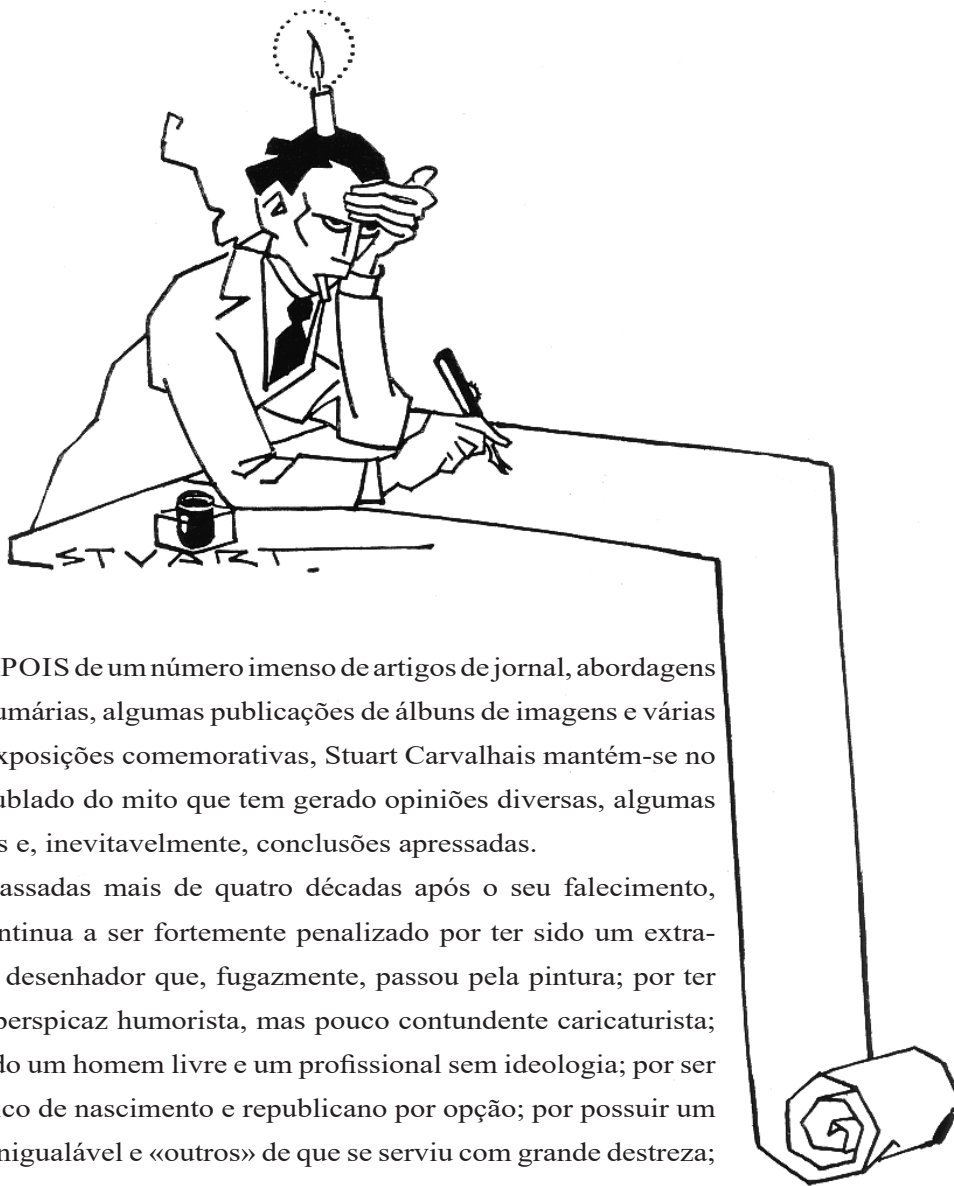
DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR
DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR

INTRODUÇÃO

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR
DESIGN - BD - CARICATURA - HUMOR



DEPOIS de um número imenso de artigos de jornal, abordagens sumárias, algumas publicações de álbuns de imagens e várias exposições comemorativas, Stuart Carvalhais mantém-se no espaço nublado do mito que tem gerado opiniões diversas, algumas polémicas e, inevitavelmente, conclusões apressadas.

Passadas mais de quatro décadas após o seu falecimento, Stuart continua a ser fortemente penalizado por ter sido um extraordinário desenhador que, fugazmente, passou pela pintura; por ter sido um perspicaz humorista, mas pouco contundente caricaturista; por ter sido um homem livre e um profissional sem ideologia; por ser monárquico de nascimento e republicano por opção; por possuir um «estilo» inigualável e «outros» de que se serviu com grande destreza; por ter oferecido todos os seus desenhos e não ter tido o sentido da «obra»; por ter amado Lisboa mas casado com uma varina; por ter sido um boémio e um bêbedo, um *dandy* e um maltrapilho, um homem que podia ter ficado rico e morreu pobre; em suma, por ter sido tudo menos aquilo que cada um de nós queria que ele fosse.

A um homem de grandes contrastes, naturalmente teria que corresponder um artista amado por uns e desprezado por outros: hoje um belo desenho, amanhã uma silhueta riscada apressadamente; hoje

4. «Uma espantosa revelação literária».
Ilustração
(1929)

uma hilariante legenda, amanhã outra já anteriormente utilizada; hoje um cosmopolita, amanhã um saudoso paisagista.

E, neste panorama complexo, a grande questão que se punha era, afinal, saber se a sua intervenção gráfica e plástica tinha ou não enriquecido a arte portuguesa; era saber até que ponto valeria a pena fazer um estudo aprofundado da sua intervenção artística.

Daquilo que sabíamos e daquilo que pressentíamos, não tínhamos dúvidas de que investigar a vida e a obra de Stuart era tanto como, nalgumas das suas facetas, descobrir Lisboa, as pessoas que lá viviam, o quotidiano de uma cidade onde tudo, ou quase tudo, acontecia de relevante em Portugal. E, depois, no meio das contradições sociais, das contradições culturais e artísticas, tínhamos a certeza de poder encontrar não só o homem, mas, e sobretudo, o artista – o cronista que se tinha envolvido nas questões sociais, que, depois da morte de Rafael Bordalo Pinheiro, tinha sido o humorista/caricaturista mais moderno e trampolim das primeiras acções dos modernistas. O que, se mais não soubéssemos, era suficiente para legitimar os nossos propósitos.

Mas, as certezas são resultantes directas de muitas incertezas. E estas, felizmente, não nos faltavam: que metodologia, como sistematizar uma pesquisa que, necessariamente, se diversificava por um amplo quadro de percursos e envolvimento com a pintura e o desenho, a caricatura e o humor de tantas facetas, a publicidade e o *design*, a ilustração e a banda desenhada, o cinema e o teatro.

Na prática, como percorrer todo o emaranhado de disciplinas com que construiu o «edifício Stuart», como fazer a recensão de todas as publicações onde viu impressos milhares de desenhos, como seleccioná-los, como organizá-los e, sobretudo, como observá-los sem perder de vista a relação entre o seu conteúdo histórico e o seu interesse estético.

Outro aspecto, e talvez o que mais temíamos, era como percorrer mais de meio século de história contemporânea portuguesa, através das imagens de um quotidiano que, tantas vezes, escapa às histórias.

Enfim, estas eram algumas das reservas que, à partida, se nos colocavam, mas, também, o grande aliciante de um trabalho que nos despertava muita expectativa.

Já tínhamos sondado o artista, nomeadamente a realização das comemorações do centenário do seu nascimento tinha-nos permitido o contacto directo com centenas de trabalhos, avivado a nossa curiosidade, despertado para alguma reflexão e, mais do que tudo isso, tocado a nossa sensibilidade.

Antes de mais, era preciso exorcizar o homem, prepararmos-nos para algumas alegrias e outras tantas decepções; era preciso não nos deixarmos envolver demasiado com os muitos dados biográficos e, muito menos, com tantas invenções como as que encerram muitas das estórias que se contam a propósito do que não se sabe ou apenas se conhece através de versões sem grande credibilidade. O passo seguinte era procurar ver e ler tudo o que era possível, isto é, recolher e seleccionar o maior número de dados que nos permitissem partir do indivíduo para a sociedade, do artista para a cultura visual, das imagens para as ideologias.

A metodologia adoptada exigia um percurso cronológico, mas, simultaneamente, determinava a necessidade de que os dados fossem organizados por áreas de intervenção plástica e, sempre que possível, por temáticas.

Se, relativamente às primeiras, o nosso trabalho estava mais ou menos facilitado, no que diz respeito às segundas, a situação complicava-se, já que, nalguns casos, viamo-nos obrigados a fugir aos blocos cronológicos estabelecidos no nosso plano de trabalho. Por isso, na passagem de uma tese a um livro, houve que fazer algumas adaptações que, para além das histórias aos quadradinhos, não permitiram a exploração específica de algumas das temáticas que estruturam a obra de Stuart Carvalhais, como os bêbedos, os polícias, as mulheres de vida fácil, etc.

A redacção propriamente dita do trabalho teve no desenvolvimento mais harmonioso possível uma das nossas grandes preocupações. E este possível tem a ver com o justificável.

5.

Stuart Carvalhais
(1982)



STUART

o desenho gráfico e a imprensa

No caso concreto da última fase da sua vida, o justificável não permitiu mais. Quer isto dizer que, para a história da arte, Stuart ficou menos interessante no final dos anos 30. Tinham sido quarenta anos consecutivos de actividade; envelhecera pelas redacções dos jornais e das revistas; a vida e a censura já não permitiam mais do que o humor fácil; o desenho estereotipado e as vanguardas eram dos jovens, dos neo-realistas, dos surrealistas e dos abstraccionistas.

Stuart já não fazia história. Passava a fazer parte da história.

Recolhia-se em Queluz, recordava a cidade em expressivos desenhos de ruas, becos e vielas, que tão bem conhecera; retomava a temática dos moinhos, em pinturas que tentava trocar pela subsistência; esforçava-se por corresponder às solicitações de amigos de outras batalhas, como Aquilino Ribeiro; e por ali ficava recordando velhas aventuras.

Finalmente, a segunda parte do nosso trabalho permitiu que concretizássemos algumas das ideias que nos suscitaram um particular interesse e que, não se enquadrando tanto no âmbito da história propriamente dita, percorrem os caminhos da reflexão estética.

6.

«Rapariga no cais».
Desenho (s/d)



Primeira parte

**NA VERTIGEM DA VIDA
MODERNA**

STUART
o desenho gráfico e a imprensa

7.

Stuart Carvalhais



ANTECEDENTES

STUART CARVALHAIS nasce em 1887, dois anos depois do intérprete do movimento político **Vida Nova**, Oliveira Martins, ter lançado publicamente a ideia da necessidade de alguém acudir e tirar os portugueses do “atoleiro imundo” em que se encontravam ¹. O que quer dizer que Stuart nasce num período marcado pela explosão no combate à monarquia e também ao clericalismo – sobretudo depois da publicação de *A Velhice do Padre Eterno* e de *Relíquia*, respectivamente de Guerra Junqueiro e Eça de Queirós –, isto é, sob o signo da intempérie político-religiosa.

Enquanto na literatura e nas conversas de salão, bem como nas imagens protagonizadas por Rafael Bordalo Pinheiro, em *António Maria* e *Pontos nos II*, o humor e a caricatura eram sintomas de mal-estar e crítica directa ao poder estabelecido, na área propriamente dita da política, o Partido Republicano mantinha-se firme no seu objectivo de derrubar um regime que contrariava uma sociedade cada vez mais descrente da religião, da política e do próprio país – “fraco e atrasado”, como, em 1887, num dos seus discursos na Câmara dos Deputados, Rodrigues de Freitas o classificava.

Filho de Margarida Amélia Stuart Torrie – personalidade marcada por algum rigor e disciplina que, porventura, teria a ver com a sua própria educação britânica – e de José de Almeida Carvalhais – um engenheiro agrónomo que, por razões que se desconhecem, parecia ter dificuldade em manter alguma estabilidade profissional e nunca terá demonstrado qualquer vontade em permanecer ligado

STUART

o desenho gráfico e a imprensa



8. Stuart ainda jovem

à administração dos negócios e das propriedades que tem constado fazerem parte do património familiar, (de que, estranhamente, o filho nunca terá beneficiado) – Stuart, o menino de olhos azuis e cabelos louros, com apenas alguns meses de vida, pela primeira vez, experimentava aquela que se tornaria numa rotina ao longo da sua vida. Estamos a referir-nos à partida da família para Espanha e à possível instabilidade a que os pais o terão sujeitado e que, mais tarde, terá possivelmente tido reflexos no seu próprio comportamento e na forma de se relacionar com o mundo através do desenho e da pintura.

Estamos em 1887, período marcado por um elevado índice de emigração, a que não terão sido alheias as más condições económicas do país e a já referida falta de estabilidade política, que se agravaria em 1889 e 1890, respectivamente na sequência da ascensão de D. Carlos ao trono de Portugal e do *Ultimatum inglês*.

Mas, enquanto os portugueses se revoltavam contra a atitude inglesa e, sobretudo, contra a cedência do Conselho de Estado às exigências dos nossos mais antigos aliados, Stuart e a família permaneciam aparentemente tranquilos no país vizinho, em Zalamea-la-Real, onde certamente terão tido oportunidade de ver chegar alguns dos muitos revolucionários do malogrado dia *31 de Janeiro de 1891*.

Os monárquicos haviam cedido aos sanguinários desejos de vingança, iniciando uma autêntica caça às bruxas, e, deste modo, a situação em Portugal apresentava-se quase como que de calamidade: o Partido Republicano tinha sido desmembrado, o défice da balança comercial e a dívida pública eram incomportáveis, o analfabetismo atingia o número astronómico de cerca de oitenta por cento e o deputado Ferreira de Almeida via na venda de algumas colónias a única solução para a crise financeira que se agravava.

Em 1893, quando se constituía o Ministério de Hintze Ribeiro e o Parlamento monopartidário – o denominado “Solar dos Barrigas” –, Stuart e a família, aparentemente por razões de ordem profissional, regressaram a Portugal. Alverca do Ribatejo foi a localidade onde, como administrador da casa dos Viscondes de Chancelheiros, o enge-



9. *Pode atar à vontade o sapato
que não se vê
nada!*
Desenho humorístico
(1911)

nheiro José de Almeida Carvalhais permanecerá durante dois anos. Para trás ficaram Espanha e as minas de Rio Tinto; para trás ficara também o vinho do Porto e uma possível estabilidade familiar; para trás ficara ainda, e sobretudo, a modorra imposta por uma longínqua cidade de Vila Real de Trás-os-Montes.

Com seis anos de idade, Stuart, que diz ter feito em casa os seus primeiros estudos ² e que, em relação ao português, refere ainda, com o seu habitual humor, ter aprendido algumas palavras como “*mira,*

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

10.

«Reflexões de um gatuno»

– Não fazem senão asneiras. Para reformar
o Juízo d’Instrução Criminal está claro
que quem deviam consultar era um ‘gajo’
cá da ‘classe’!

Desenho humorístico
(1906)



usted e torrão de alicante”³, inicia, de facto, a sua aprendizagem da língua materna e uma experiência de integração que, naturalmente, algumas compreensíveis dificuldades de expressão verbal não terão facilitado. De resto, a sua capacidade invulgar de comunicar através do desenho terá tido, certamente, alguma coisa a ver com um certo isolamento a que estava sujeito, com uma certa timidez provocada pela falta de contacto com outras crianças e, em resumo, com a necessidade de imaginar um mundo vivido por personagens com quem inevitavelmente dividia a sua intensa imaginação.

1895, o ano que ficará marcado por mais uma mudança – desta vez para Montemor-o-Novo, onde a família terá adquirido uma pro-

priedade agrícola – trará a regularização da vida escolar do pequeno Stuart, que, algum tempo depois de se ter matriculado no Liceu de Évora, demonstraria uma estranha incompatibilidade com a disciplina do desenho, quiçá com os métodos do professor. Contra todas as expectativas daqueles que já lhe reconheciam potencialidades e previam algumas dificuldades no português, mas auguravam bons resultados na área das artes, Stuart acabaria mesmo por reprovar:

[...] então o rapaz ficou mal em desenho! Onde devia ficar distinto é que ficou chumbado!
[...] ⁴

Desconhecem-se quais terão sido, do ponto de vista psicológico, as consequências do facto de terem sido menosprezadas as suas capacidades de representação gráfica, nem quanto terá esse mesmo facto contribuído para a definição da sua opção e gosto pelas coisas da arte e, de uma forma particular, do desenho. Sabe-se, todavia, que a caricatura era, já nesta altura, uma forma de estar na vida, a demonstração de uma visão crítica do mundo que ia descobrindo, sobretudo através da tradicional educação escolar que lhe era ministrada e da atitude dos professores que, com as tradicionais palmatoadas da «menina dos cinco olhos», alimentavam o desinteresse pela aprendizagem e justificavam as caricaturas e o riso dos colegas, quando, por exemplo, em papel, recortava bonecos “que espetava na sola das botas e punha os pés a espreitar por cima das carteiras”⁵.

Entretanto, enquanto Stuart, em terras do Alentejo, iludia as obrigações escolares e se apaixonava pelo desenho e pela planície, que o terá marcado para sempre – a sua pintura o suscita –, a crise financeira do país arrastava-se. O regime monárquico mantinha-se agressivo e apostava na repressão. A *Celerada* de João Franco, em 13 de Fevereiro de 1896, é um dos exemplos daquela repressão e o prelúdio da primeira verdadeira ditadura em Portugal. Por outro lado, os jornais da oposição eram obrigados a encerrar e o confronto



11.

Autocaricatura (1929)

STUART

o desenho gráfico e a imprensa



12.

«Para uso interno»
Stuart Carvalhaes caricaturista.
Autocaricatura (1911)

político permanecia, agravado pelas questões suscitadas pela religião católica – a única permitida aos portugueses ⁶.

Estávamos nos últimos anos do século XIX; o século XX aproximava-se a grande velocidade; Rafael Bordalo Pinheiro, nos primeiros dias de Janeiro de 1900, aproveitava para lançar *A Paródia*; da fusão da Sociedade Promotora de Belas-Artes com o Grémio Artístico, criava-se a Sociedade Nacional de Belas-Artes; promoviam-se manifestações de «Arte Nova»; Columbano assumia figura de destaque ao responsabilizar-se pela regência da cadeira de pintura na Academia de Belas-Artes; e, como se tornara já um hábito, Stuart via-se obrigado a nova transferência de liceu. Só que, desta vez, e porque o pai tinha obtido o lugar de investigador no Museu Etnográfico, na capital, a mudança fora para o Real Instituto de Lisboa.

Se alguma coisa mudara radicalmente na vida de Stuart, aspectos havia que não tinham remédio possível. A sua personalidade estruturara-se numa visível apatia pela disciplina escolar, toda a sua energia era encaminhada para a emoção da linguagem plástica e para a fruição do espectáculo visual, agora redobrado pelo movimento dos automóveis e dos carros eléctricos, inaugurados exactamente no ano em que chegara à «Grande Cidade». Irremediavelmente adquirido o estatuto de aluno a quem apenas interessavam as coisas da arte, perspectivando, contra a vontade do pai e alguma compreensão da mãe, a sua entrada num curso de Belas-Artes, Stuart abandonaria o liceu em 1903. Porém, vendo-se impedido de frequentar a Escola de Belas-Artes de Lisboa, por razões que se prendiam com a exigência de um currículo escolar que não completara, faria ainda algumas ténues tentativas para estudar, nomeadamente matriculando-se em cursos nocturnos.

Como é fácil imaginar, com dezasseis anos de idade e toda a liberdade para explorar lugares e intimidades de uma cidade sempre disponível e aberta à boémia, Stuart não voltaria a pegar nos livros, nem, com mais esta descoberta, lhe passaria pela cabeça dedicar-se

ao comércio, como desejava o pai, ou a qualquer outra profissão que lhe comprometesse a liberdade que adquirira.

Cigarro ao canto da boca, copo aqui, copo acolá, um olhar maldoso, um piropo machista, dando ares de galã cujo modelo, quem sabe, poderá ter tido proveniência nos filmes que a primeira sala de cinema, o *Salão Ideal*, desde 1904, passara a projectar, eis Stuart a iniciar-se na sua famosa carreira de conquistador, amante da vida nocturna, dos ambientes e das situações que viriam a ser a sua fonte de inesgotável inspiração.

Ao jovem que deixara a pacata vida alentejana, bem como a tradicional mas controladora convivência familiar, sucedia um Stuart transbordante de vontade de se integrar na vida citadina, um Stuart que parecia pretender recuperar rapidamente o tempo perdido.

Numa aparente despreocupação relativamente ao futuro, o lema era gozar os pequenos e, se possível, grandes prazeres da vida; era viver o dia-a-dia e a efemeridade do momento. Era, na prática, viver a velocidade que o princípio do século propunha e permanecer sensível às tensões que no ar se experimentavam.

Com efeito, a tensão política intensificava-se à medida que o *5 de Outubro* estava mais perto.

Se a **Vida Nova**, entretanto, morrera com o desaparecimento do seu principal teórico, isto não significava que a luta contra a desacreditada monarquia tivesse terminado. Pelo contrário, desde a viragem do século, o arranque republicano trazia novas esperanças de que o fim da agonia pudesse terminar a qualquer momento.

Os jornais, sobretudo aqueles que lideravam a causa republicana, proliferavam. Enquanto, através da imprensa, homens como França Borges davam expressão e voz ao descontentamento popular, no Parlamento, Afonso Costa revelava a coragem e a inteligência de um grande estadista.

Travava-se de uma luta sem tréguas: de um lado, os monárquicos, deitando mão a todos os processos, mesmo os mais vis, para



13.

Caricatura do Padre Matos,
por Stuart Carvalhais
(1911)

STUART

o desenho gráfico e a imprensa

calar a oposição, do outro, os revolucionários, os socialistas e os republicanos que viam engrossar as suas fileiras com personalidades como Bernardino Machado, que se destacava no combate à política do governo, e António José de Almeida, que, ao regressar de S. Tomé, decidido a derrubar a monarquia, se apresentava publicamente aos portugueses. Tinha falecido Rafael Bordalo Pinheiro, o republicano convicto de quem, pesarosamente, o povo de Lisboa se despedia em 24 de Janeiro de 1905 e aquele político fazia o elogio do homem cujo lápis “ferira (a monarquia) tão fundo como espadas”.

14.

O caricaturista incedível dos tipos da rua. Carradas de talento e de areia. Tem uma única aspiração: um palacete em Figueiró dos Vinhos, stuartisticamente guarnecido de móveis de vinhático, estofados a roxo. Consta que está ilustrando, com rigorosa propriedade, A Taberna, de Zola. Divisa: Ó copos hic labor est.

Caricatura de Stuart Carvalhais,
por Francisco Valença
(1927)

